

DIÁLOGOS PRELIMINARES SOBRE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

PRELIMINARY DIALOGUES ON ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND TEACHING IN HIGHER EDUCATION

DIÁLOGOS PRELIMINARES SOBRE LA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL Y LA DOCENCIA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Camila Amadi

Universidade Federal de São Carlos

Verônica Correia da Silva

Universidade Federal de São Carlos

Claudinei Zagui Pareschi

Universidade Federal de São Carlos

Daniel Mill

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO. O artigo analisa os impactos da intensificação do uso da inteligência artificial (IA) na docência na educação superior, com foco nas transformações do trabalho docente. Parte-se da constatação de que, embora frequentemente apresentada como inovação pedagógica, a IA tem sido incorporada com pouca mediação crítica e sob lógicas produtivistas, o que contribui para a precarização das condições de trabalho. O objetivo é compreender de que modo a IA reconfigura práticas pedagógicas, amplia o controle sobre a atividade docente e reforça a mercantilização da educação. Com base em pesquisa bibliográfica de abordagem crítica, o estudo examina diferentes perspectivas teóricas sobre tecnologia, trabalho e educação, identificando os efeitos da automação e da performatividade nas funções docentes. Os resultados apontam que a IA pode deslocar funções pedagógicas tradicionais, intensificar a carga de trabalho e acentuar a dependência tecnológica, afetando a autonomia e a identidade profissional do corpo docente. Conclui-se que a integração da IA no ensino superior exige políticas institucionais claras, formação continuada e uma abordagem orientada pela mediação humana, pela autonomia intelectual e pela formação crítica.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Trabalho docente. Educação superior. Tecnificação.

ABSTRACT. The article analyzes the impacts of the intensification of artificial intelligence in higher education, with a focus on the transformations of academic work. It begins from the observation that, although often presented as a pedagogical innovation, AI has been incorporated with little critical mediation and under productivist logics, contributing to the precarization of working conditions. The aim is to understand how AI reconfigures pedagogical practices, expands control over teaching activities, and reinforces the commodification of education. Based on a critical literature review, the study examines different theoretical perspectives on technology, labor, and education, identifying the effects

of automation and performativity on teaching functions. The findings indicate that AI may displace traditional pedagogical functions, intensify workloads, and accentuate technological dependence, thereby affecting the autonomy and professional identity of faculty. The study concludes that the integration of AI in higher education requires clear institutional policies, continuous professional development, and an approach guided by human mediation, intellectual autonomy, and critical education.

Keywords: Artificial intelligence. Academic work. Higher education. Technification.

RESUMEN. El artículo analiza los impactos de la intensificación del uso de la inteligencia artificial en la educación superior, con énfasis en las transformaciones del trabajo docente. Parte del reconocimiento de que, aunque frecuentemente presentada como una innovación pedagógica, la IA ha sido incorporada con escasa mediación crítica y bajo lógicas productivistas, lo que contribuye a la precarización de las condiciones laborales. El objetivo es comprender cómo la IA reconfigura las prácticas pedagógicas, amplía el control sobre la actividad docente y refuerza la mercantilización de la educación. Con base en una investigación bibliográfica de enfoque crítico, el estudio examina diferentes perspectivas teóricas sobre tecnología, trabajo y educación, identificando los efectos de la automatización y la performatividad en las funciones docentes. Los resultados señalan que la IA puede desplazar funciones pedagógicas tradicionales, intensificar la carga laboral y acentuar la dependencia tecnológica, afectando así la autonomía y la identidad profesional del cuerpo docente. Se concluye que la integración de la IA en la educación superior requiere políticas institucionales claras, formación continua y un enfoque orientado a la mediación humana, la autonomía intelectual y la formación crítica.

Palabras clave: Inteligencia artificial. Trabajo docente. Educación superior. Tecnificación.

1 INTRODUÇÃO

A incorporação da inteligência artificial (IA) nos processos educativos tem provocado desafios significativos no campo da educação superior. Entre discursos que exaltam a personalização da aprendizagem e a inovação pedagógica, surgem receios relacionados à automação de rotinas e à precarização do trabalho docente. A velocidade da disseminação da IA torna urgente uma reflexão crítica sobre seus impactos.

Se, por um lado, a inteligência artificial, sobretudo a generativa (IAGen) é apresentada como símbolo de progresso, por outro, desloca funções docentes, intensifica rotinas e estimula a utilização acrítica de ferramentas pedagógicas. Como afirma Loveluck (2018), as tecnologias digitais frequentemente se apresentam como instrumentos de liberdade, mas carregam condicionantes que moldam os modos de agir e produzir conhecimento. Da mesma forma, Feenberg (2010) alerta que inovações orientadas por racionalidades puramente técnicas reduzem o espaço de decisão dos sujeitos e reforçam estruturas de poder.

Nesse cenário, a incorporação massiva e pouco regulamentada da IA pode gerar sobrecarga de trabalho, desvalorizar competências intelectuais e alterar a identidade profissional docente.

O objetivo deste estudo é, portanto, apresentar hipóteses iniciais sobre os impactos da intensificação do uso da IA na prática docente, com base em fundamentos teóricos que articulam questões filosóficas, sociológicas e educacionais relacionadas ao tema.

O artigo está estruturado em seis seções. Após esta introdução, a segunda seção apresenta a metodologia adotada, com base em uma abordagem bibliográfica de caráter crítico. Em seguida, a terceira seção discute as transformações do trabalho docente sob a racionalidade capitalista e o produtivismo. A quarta seção traz uma análise crítica ao avanço da IA no contexto educacional, destacando ambivalências, potenciais e limites. A quinta seção apresenta hipóteses preliminares sobre seus efeitos na educação superior pública; e, por fim, as considerações finais retomam os argumentos centrais e refletem sobre os desafios e possibilidades da universidade pública diante da intensificação tecnológica.

2 METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada na abordagem proposta por Gil (2024), a partir da análise de livros, artigos científicos, teses e documentos eletrônicos relacionados ao tema. A escolha dessa metodologia se justifica pelo propósito de investigar criticamente as transformações do trabalho docente decorrentes da incorporação da inteligência artificial no ensino superior.

Foram selecionados textos acadêmicos que discutem as transformações do trabalho docente, a introdução da IA na educação e suas repercussões no campo educacional. Essa análise permitiu articular diferentes perspectivas teóricas, a partir de autores como Karl Marx (1980; 2015), Álvaro Vieira Pinto (2005), Andrew Feenberg (2010), Pierre Lévy (1999), Benjamin Loveluck (2018), entre outros, favorecendo uma reflexão crítica sobre os rumos da docência diante dos desafios tecnológicos emergentes.

3 TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Estudar as transformações do trabalho docente implica retomar o próprio conceito de trabalho, no contexto do modo de produção capitalista. Em Marx (2015), o trabalho é a mediação entre o ser humano e a natureza, por meio da qual o sujeito transforma o mundo e a si mesmo.

No capitalismo, entretanto, o trabalhador é separado dos meios de produção, e perde o controle sobre eles. O produto do trabalho e a própria força de trabalho passam a existir como mercadorias, gerando alienação e submetendo a atividade humana a critérios externos como produtividade e eficiência.

Apesar de envolver produção de conhecimento e relações formativas, o trabalho docente também é atravessado por essa racionalidade. Inserida em um contexto social marcado por pressões por produtividade e competitividade, a universidade submete o corpo docente a avaliações constantes, metas institucionais e processos de tecnificação, que reduzem a dimensão formativa da prática pedagógica (Silva Junior, 2023).

Esse movimento foi intensificado pela institucionalização de rankings acadêmicos e pela consolidação de um mercado global de produção científica, no qual o capital financeiro transforma o trabalho docente em força produtiva submetida a métricas e à cultura performativa.

A incorporação das tecnologias digitais intensificou esse processo. Frequentemente apresentadas como inovações pedagógicas, essas tecnologias nem sempre ampliaram a autonomia docente. Feenberg (2010) mostra que tecnologias guiadas por objetivos funcionais e produtivistas reduzem o campo de decisão dos sujeitos e reproduzem relações de poder, enquanto Pinto (2005), reforça essa crítica ao afirmar que a tecnologia é uma construção humana, carregada de intencionalidade social, sem neutralidade e sem caráter de inevitabilidade.

Nesse contexto, a inteligência artificial não representa uma ruptura, mas a continuidade e a intensificação de processos que já vinham sendo articulados por outras tecnologias educacionais. Seus efeitos dependem das intencionalidades que a orientam, podendo tanto aprofundar a lógica da performatividade, quanto contribuir para práticas mais criativas, colaborativas e eficientes.

Essa ambivalência é destacada por Costa Junior et al. (2023), que reconhecem benefícios potenciais, mas também alertam para desafios éticos, riscos de dependência tecnológica e possibilidade de precarização, quando utilizada de modo desregulado e produtivista. Para os autores, a IA pode transformar positivamente o ensino superior, desde que acompanhada de políticas e práticas que assegurem seu uso responsável.

4 O AVANÇO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O avanço da inteligência artificial generativa (IAGen) no campo educacional não pode ser analisado somente sob a ótica técnica ou instrumental, demandando uma análise crítica e contextualizada. Embora apresentada como inovação disruptiva, a IAGen está ancorada em uma racionalidade técnica que tende a reduzir a autonomia dos sujeitos e intensificar mecanismos de controle, à semelhança de outras formas de automação que precarizam o trabalho humano (Feenberg 2010; Gervasoni e Dias, 2024).

Como observa Loveluck (2018), tecnologias digitais carregam promessas de liberdade, mas também moldam modos de agir e produzir conhecimento. A IA deve, portanto, ser entendida como tecnologia historicamente situada e carregada de intencionalidades sociais e políticas (Pinto, 2005).

A disponibilização pública do ChatGPT pela OpenAI em 2022, seguida por ferramentas como Gemini (Google) e Copilot (Microsoft), expandiu o acesso à IAGen e acelerou sua presença em diferentes campos. No setor educacional, sua difusão ocorre por meio de plataformas de aprendizagem, sistemas de apoio à docência e de automação administrativa. No entanto, muitas vezes essa adoção é precoce, pouco regulamentada e dissociada de debates formativos e éticos (Ferreira et al., 2024).

Estudos apontam que muitas universidades brasileiras vêm adotando essas ferramentas sem planejamento institucional estruturado, o que acentua desigualdades e fragiliza a autoria e a criatividade docente (Costa et al., 2025). O risco do fetichismo tecnológico, como observam Ferreira et al. (2024), reside em tratar a IA como solução mágica para todas as limitações da educação, ignorando fatores socioculturais e a complexidade do processo pedagógico.

Como aponta Feenberg (2010), romper com a racionalidade técnica exige a abertura para uma racionalidade substantiva, em que a tecnologia esteja subordinada a fins humanos e educativos. Também concordamos com Pareschi et al. (2024), quando reforçam a ideia freireana argumentando que:

é essencial perguntar a serviço do que e de quem eles estão e, por conseguinte, criar recursos para aumentar a capacidade crítica das grandes massas, para que elas não sejam facilmente manipuladas por aqueles que detêm o poder (Pareschi et al., 2024).

Sob orientação tecnocrática, a IA tende a transformar o ensino em mera transmissão de conteúdos, reforçando metas de eficiência e aproximando o docente de um operário de alta demanda, num processo de desprofissionalização do trabalho docente (Oliveira et al.,

2024). Nessa lógica, intensifica-se a vigilância e o controle sobre a prática docente, deslocando o foco da relação pedagógica para a gestão de plataformas (Novais e Zan, 2024).

Como observa Allan Pscheidt:

A integração efetiva da IA na educação exige que os professores não estejam apenas familiarizados com a forma de operar a tecnologia, mas que também saibam como incorporá-la de forma significativa em suas estratégias pedagógicas. (2024, p.104)

Romper com esse cenário exige deslocar o debate da mera adoção de ferramentas para a discussão sobre os projetos educativos que as sustentam. Freire (2021) defende que a IA não deve substituir o professor, mas ampliar suas possibilidades, desde que utilizada com intencionalidade pedagógica. Nessa perspectiva, a tecnologia deve estar a serviço do diálogo, da mediação e do vínculo, e não do controle e da padronização.

Essa visão converge com Lévy (1999), para quem a inteligência coletiva resulta da valorização das capacidades humanas em rede, e não da subordinação a lógicas automatizadas de desempenho.

5 HIPÓTESES SOBRE OS IMPACTOS DA IA GENERATIVA NO TRABALHO DOCENTE

A crescente adoção da IA no ensino superior tem ocorrido em grande medida, de forma espontânea, descentralizada e desigual. Em um contexto de ausência de políticas institucionais claras, infraestrutura precária e pouca formação docente, o uso da IA tende a responder mais a demandas imediatas do que a projetos pedagógicos intencionais. A seguir, apresentam-se hipóteses preliminares sobre seus efeitos.

5.1. A reconfiguração do papel docente

A IA reconfigura o papel docente ao deslocar funções tradicionalmente associadas à prática pedagógica, como a elaboração de planos de ensino ou a correção de atividades, ou ainda a mediação de conteúdos e avaliação de aprendizagem. O Guia para a IA Generativa na Educação e na Pesquisa (UNESCO, 2024), recomenda que seu uso seja orientado para apoiar professores no planejamento de aulas e no acompanhamento dos estudantes, sempre com formação docente adequada.

Por outro lado, novas responsabilidades são incorporadas à rotina docente. O mesmo documento da UNESCO (2024) destaca que cabe aos docentes a validação da

adequação ética e pedagógica das ferramentas de IA, bem como o desenvolvimento de competências digitais específicas para seu uso crítico. Nesse sentido, em vez de aliviar a carga de trabalho, a IA pode ampliá-la de forma sutil, deslocando o foco da relação educativa para a lógica da supervisão técnica (Oliveira et al., 2024).

5.2. Dependência tecnológica e controle

Outra hipótese é que a IA intensifique a dependência tecnológica e intensificação do controle sobre a atividade docente. Experiências recentes ilustram esse risco: a Universidade de Ciência e Tecnologia de Hong Kong testou “professores gerados por IA”, avatares programados para substituir docentes em sala de aula (Exame, 2024). Pesquisas no Brasil registram preocupação de que estudantes passem a depender excessivamente dessas ferramentas, comprometendo sua autonomia intelectual (Costa et al. 2025).

O documento da UNESCO também alerta que a IAGen “restringe narrativas plurais, pois os resultados gerados tendem a representar e reforçar pontos de vista dominantes” (UNESCO, 2024, p. 37). O receio é de que o uso massivo de IA comprometa a pluralidade de pensamentos e reflexões críticas.

Além disso, estudos recentes destacam a expansão de sistemas de monitoramento capazes de acompanhar em detalhe o processo de aprendizagem dos estudantes e, ao mesmo tempo, avaliar o desempenho docente, sugerindo ajustes e metas (Adiguzel; Kaya; Cansu, 2023). Essa realidade amplia os mecanismos de vigilância e de controle sobre os processos pedagógicos, deslocando a centralidade da mediação humana.

5.3. Questões éticas e jurídicas

A integração da IA à prática docente suscita dilemas éticos e jurídicos, como autoria dos materiais produzidos, credibilidade das informações geradas por algoritmos, direitos autorais e uso indevido de dados sensíveis. Pinheiro, Costa e Vitoriano (2025), reconhecem seu potencial de personalização, mas alertam para riscos de enfraquecimento do pensamento crítico.

Um exemplo de ação sob essa ótica é o documento de Recomendações para o uso de ferramentas de Inteligência Artificial nas Atividades Acadêmicas na UFMG (2024), que enfatiza valores como transparência no uso das ferramentas, a proteção da privacidade e dos dados sensíveis e a necessidade de enfrentar vieses discriminatórios presentes nos

algoritmos. O texto também alerta para os dilemas de autoria e direitos autorais, propondo que trabalhos acadêmicos indiquem explicitamente como e em que medida recorreram a recursos de IA.

Quanto ao trabalho docente, o guia da UNESCO destaca a necessidade de “proteger os direitos dos professores e pesquisadores, bem como o valor de suas práticas ao utilizar a IAGen” (UNESCO, 2024, p. 25). Ou seja, respeitar a função docente de modo a garantir que a tecnologia não desloque a centralidade da atividade pedagógica.

Sob a perspectiva jurídica, Gervasoni e Dias (2024) defendem que também a tecnologia deve cumprir uma função social, à luz da Constituição de 1988, que consagra o trabalho como valor fundamental e condição para a dignidade da pessoa humana. Para o trabalho docente, isso significa resguardar sua dimensão ética e pedagógica contra formas de precarização que possam emergir da incorporação indiscriminada da inteligência artificial.

5.4. Performatividade e mercantilização da educação

O uso acrítico da IA tende a reforçar a lógica da performatividade e da mercantilização na educação. Ao ser incorporada como ferramenta de otimização, a IA tende a subordinar o trabalho docente a metas de produtividade, indicadores quantitativos e parâmetros de eficiência que pouco dialogam com os sentidos formativos da docência.

Estudos apontam a apropriação crescente da IA por empresas privadas que disputam esse mercado emergente, orientando escolas e universidades a operar segundo métricas externas e parâmetros de eficiência (Corrêa et al., 2024). Esse processo desloca a autonomia das instituições e dos docentes, impondo diretrizes externas orientadas por interesses de mercado. Como argumentam Novais e Zan (2024), é urgente e necessário refletir criticamente sobre esse movimento, que trata a IA como mercadoria e ameaça a autonomia intelectual dos sujeitos.

Esse movimento conecta-se à cultura da performatividade já consolidada no ensino superior, marcada por rankings, métricas de avaliação e disputas competitivas entre universidades (Silva Júnior, 2023). Na prática, o risco é que a educação seja reduzida a resultados mensuráveis, enquanto funções mais complexas, como mediação crítica, diálogo e formação humana, sejam desvalorizadas. Assim, a mercantilização da IA não se

limita à introdução de novas tecnologias, mas implica a redefinição de valores e finalidades da prática pedagógica, sujeitando-a ao imperativo da produtividade e da padronização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensificação do uso da inteligência artificial na educação superior exige uma análise que ultrapasse qualquer entusiasmo técnico ou a simples adesão instrumental. Longe de ser apenas uma inovação disruptiva, a IA expressa processos históricos mais amplos de racionalização, tecnificação e performatividade, que há tempos reorganizam o trabalho docente.

As hipóteses discutidas neste artigo mostram que o impacto da IA ultrapassa a simples substituição de tarefas, envolvendo a reconfiguração mais profunda do papel do professor, a intensificação do controle, dilemas éticos e jurídicos, e o risco de subordinar a educação a lógicas de performatividade e mercantilização.

Nesse cenário ambíguo, a construção de políticas institucionais claras e a valorização do trabalho docente, tornam-se urgentes. A reflexão crítica sobre os efeitos da IA na educação superior pública é essencial para que sua incorporação tecnológica não acarrete a perda de sentido formativo nem o enfraquecimento da autonomia intelectual, uma vez que o desafio não está somente na adoção da ferramenta, mas na definição do projeto de educação que a orienta.

REFERÊNCIAS

ADIGUZEL, Tufan.; KAYA, Mehmet Haldun; CANSU, Fatih Kürsat. Revolutionizing education with AI: exploring the transformative potential of ChatGPT. **Contemporary Educational Technology**, Montenegro, v. 15, n. 3, ep.429, 2023. Disponível em: <https://www.cedtech.net/article/revolutionizing-education-with-ai-exploring-the-transformative-potential-of-chatgpt-13152>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CORRÊA, Emerson Blum.; ALESSI, Rodrigo Felipe; GROSSI, Luciane; SILVA, Josie Agatha Parrilha da. Ética da Inteligência Artificial na Educação: Dilemas apontados nas pesquisas brasileiras. **Com a Palavra, o Professor**, [S. l.], v. 9, n. 25, p. 93–115, 2024. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/CPP/article/view/1072>. Acesso em: 29 ago. 2025.

COSTA, Marcelle Feitoza Bassi; TINOCO, Gabriel Orsi; CORRÊA, Nicholas dos Santos Faria; BOTELHO, Pedro Cariello; FONTAINHA, Tharcisio Cotta. Desafios e oportunidades da inteligência artificial no ensino superior: percepções dos docentes no ambiente universitário. **Avaliação, Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 30, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-57652025v30id286435>. Acesso em: 19 jul. 2025.

COSTA JÚNIOR, João Fernando; LIMA, Uilliane Faustino de; LEME, Mário Domingos; MORAES, Leonardo Silva; COSTA, Jonas Bezerra da; BARROS, Diogo Magalhães de; SOUSA, Maria Aparecida de Moura Amorim; OLIVEIRA, Luis Carlos Ferreira de. A inteligência artificial como ferramenta de apoio no ensino superior. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/111>. Acesso: 4 jun. 2025.

EXAME. **Professores gerados por IA estão dando aulas em uma universidade de Hong Kong**. São Paulo, 12 maio 2024. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/professores-gerados-por-ia-estao-dando-aulas-em-uma-universidade-de-hong-kong/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FEENBERG, Andrew. Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia. **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/Capes, v. 2, p. 69-95, 2010. Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/books/Portug_Racionalizacao_Subversiva_Tecnologia_Poder_Democracia.pdf. Acesso: 4 jun. 2025.

FERREIRA, Marcello; COSTA, Marcos Rogério Martins Costa; MEIRA, Érika Nazaré Gadelha; FILHO, Olavo Leopoldino da Silva. Inteligência artificial na Educação Superior - avanços e dilemas na produção acadêmica. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, v. 11, 2024. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/1019>. Acesso em: 24 jul. 2025.

FREIRE, Sérgio. **IA e Educação: Promessas, riscos e reinvenções no século XXI**. EDUA, 2025. E-book.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2024.

GERVASONI, Tássia A.; DIAS, Felipe da Veiga. Os custos ocultos da tecnologia e a proteção do direito social ao trabalho. **Revista Direito e Práxis**, v. 15, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/70317>. Acesso: 4 jun. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle: Uma genealogia política da internet**. Vozes, 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1. Boitempo Editorial, 2015

NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana; ZAN, Dirce. Desafios e Perspectivas do Trabalho Docente em Tempo de Inteligência Artificial. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 11, n. 1, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/85911>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OLIVEIRA, Walas Leonardo de; GOULART, Ana Luiza Silva; DE SICCO, Júlia. A influência das TICs e inteligência artificial na precarização do trabalho docente. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 33, n. 3, p. 172-185, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.35699/2238-037X.2024.53290>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PARESCHI, Claudinei Zagui; CARVALHO MAURICIO, Gustavo; MILL, Daniel. Paulo Freire, Educação e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: um breve aporte teórico. **ESUD**, 2024. Disponível em: <https://submissao-esud.ufms.br/home/article/view/94>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PINHEIRO, Maria Heldaiva Bezerra; COSTA, Marcos Rogério Martins; VITORIANO, Maria Albeti Vieira. A interface entre inteligência artificial e letramento informacional no ensino superior: contextos, avanços e desafios inter e multidisciplinares. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 30, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2025.e103105>. Acesso: 24 jul. 2025.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PSCHEIDT, Allan. **Inteligência Artificial na sala de aula**. São Paulo: Matrix, 2024. *E-book*.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Rankings, trabalho do pesquisador e capital financeiro. **Educação & Sociedade**, v. 44, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.266708>. Acesso: 16 jul. 2025.

UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Tradução de Teresa Margarida Loureiro Cardoso e Viviane Cristina Marques. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/open-access/cc-sa>. Acesso em: 27 ago. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. **Recomendações para o uso de ferramentas de Inteligência Artificial nas Atividades Acadêmicas**. Belo Horizonte: UFMG, 2024.

Licença de acesso livre



A **ESUD | CIESUD | SIGATEC** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto ao conhecimento.